

# INTERCOOPERAÇÃO PARAPSÍQUICA EM AMBIENTE DE APRENDIZAGEM CONSCIENCIOLÓGICO

PARAPSYCHIC INTERCOOPERATION IN A CONSCIENTIOLOGICAL LEARNING ENVIRONMENT

INTERCOOPERACIÓN PARAPSÍQUICA EN UN AMBIENTE DE APRENDIZAJE CONSCIENCIOLÓGICO

**Fabianne Guzzo**

---

*Especialidade: Interreeducaciologia*

## Resumo

O presente trabalho é fruto das autopesquisas e experiências da autora hauridas através dos estudos, observações, análises e reflexões acerca da cooperação multidimensional entre consciências. O objetivo é explicitar a responsabilidade de colaboração do parapsiquista quanto ao desenvolvimento e qualificação da paraperceptibilidade dos pares. Para tanto, realizou-se revisão bibliográfica específica e a experiência pessoal na prática docente e no voluntariado conscienciológicos. Conclui-se, portanto, a necessidade de fomentar a autonomia parapsíquica dos companheiros evolutivos visando a interdependência evolutiva.

**Palavras-Chave:** Aprendizagem colaborativa; Esclarecimento multidimensional; Interassistência; Parapsiquismo; Reeducação parapsíquica.

## Abstract

The present work is the result of the author's self-research and experiences through studies, observations, analyses, and reflections about multidimensional cooperation between consciousnesses. The objective is to explain the parapsychic's responsibility for collaboration regarding the development and qualification of the paraperceptibility of peers. For this purpose, a specific bibliographic review and personal experience in teaching practice and conscientiological volunteering were implemented. It is concluded, therefore, the need to promote the parapsychic autonomy of evolutionary companions aiming at evolutionary interdependence.

**Keywords:** Collaborative learning; Interassistance; Multidimensional clarification; Parapsychic reeducation; Parapsychism.

## Resumen

El presente trabajo es el resultado de la autoinvestigación de la autora y de la experiencia adquirida mediante estudios, observaciones, análisis y reflexiones sobre la cooperación multidimensional entre las conciencias. El objetivo es explicitar la responsabilidad de colaboración del parapsiquista en el desarrollo y la calificación de la paraperceptibilidad de los pares. Para tal motivo, fue utilizada la bibliografía específica respecto de la temática, así como la experiencia personal en la práctica docente y en el voluntariado concienciológicos. Se concluye, por lo tanto, en la necesidad de promover la autonomía parapsíquica de los compañeros evolutivos con vistas a la interdependencia evolutiva.

**Palabras clave:** Aprendizaje colaborador; Esclarecimiento multidimensional; Interasistencia; Parapsiquismo; Reeducción parapsíquica.

## INTRODUÇÃO

**Motivação.** A pesquisa se desenvolveu em decorrência de observações realizadas em contexto de convívio interconsciencial no qual a autora percebeu, por vezes, abordagens parapsíquicas que não visavam a cooperação fraterna entre os envolvidos com vistas ao desenvolvimento pessoal, mas acabava tolhendo a autossuficiência parapsíquica dos indivíduos.

**Questionamento.** Nesse interim, surgiu a questão: Como auxiliar os compassageiros evolutivos a experimentarem o autoparapsiquismo de maneira lúcida? Tal indagação faz-se pertinente devido ao condão evolutivo desse atributo evolutivo.

**Objetivos.** O presente artigo tem por objetivo apontar a responsabilidade e o dever de colaboração do parapsiquista quanto ao desenvolvimento e qualificação da paraperceptibilidade dos pares.

**Método.** A metodologia utilizada na realização da pesquisa foi o levantamento bibliográfico específico sobre o tema combinado com as experiências da autora enquanto docente e voluntária da Conscienciologia.

**Divisão.** O trabalho encontra-se seccionado em 2 partes: I. Intercooperação Parapsíquica: Expõe questões conceituais sobre o tema e II. Protagonismo Compartilhado na Docência Conscienciológica: Registra a função do docente conscienciológico perante o compartilhamento paracognitivo.

## I. INTERCOOPERAÇÃO PARAPSÍQUICA

**Cooperação.** Desde épocas remotas, os seres humanos aprenderam que para sobreviverem

e se reproduzirem em ambiente selvagem era necessário se comunicar e cooperar uns com os outros de mesma espécie formando grupos complexos e organizados (HARARI, 2016).

**Racionalidade.** A lógica da cooperação permitiu e continua permitindo que indivíduos cujos objetivos sejam idênticos ou semelhantes possam se unir somando esforços e habilidades para realizar determinada ação e/ou omissão. A probabilidade de sucesso aumenta na medida em que há múltiplas competências convergindo para a mesma finalidade ensejando megassinerjismo (VIEIRA, 2014, p. 721).

**Antagonismo.** Além da união de pessoas para a busca da sobrevivência mútua, há também o agrupamento de pessoas com a finalidade de competir ou prejudicar grupo ou segmento específico, podendo se tratar de cooperação anticosmoética, patológica e / ou sectária.

**Ética.** O fenômeno da intercooperação nosográfica é facilmente perceptível em organizações criminosas quando há a associação de 4 ou mais pessoas estruturalmente ordenadas com objetivo de obter vantagem de qualquer natureza mediante prática de infrações penais, conforme dispõe a Lei 12.850, artigo 1º. Esse é exemplo vulgar de cooperação antiética, entretanto ainda comum na atual sociedade brasileira.

**Protocooperação.** Nesse sentido, “a solidariedade maligna é o caráter, condição ou estado de comprometimento, acordo, apoio, trato, ligação mútua, sujeição e obrigação a algum tipo de sociopatia de marginais, idiotismo cultural, superstição religiosa ou tabu multifacetado.” (VIEIRA, 2010)

**Anticosmoeticidade.** De outro modo, também é possível formar espécie de cooperação com vínculo entre consciências de maneira a alcançar determinado objetivo aparentemente benéfico ou socialmente aceitável, porém contrário ou ambíguo se confrontado com a moral cósmica, multidimensional, definidora da holomaturidade, visto que a cosmoética se situa além da moral social intrafísica (VIEIRA, 2013, p. 47). A união de conscins ou consciex afins com interesse meramente egóico, apesar de não apresentar aparente malefício, pode demonstrar ação anticosmoética com óbvia regressão consciencial.

**Maquilagem.** O coleguismo distorcido com a finalidade de cooperação ou, mais propriamente, de pseudoajuda, pode ser evidência de acriticidade na medida em que falta a aplicação prática da Descrenciologia. A análise acurada da Parapercepciologia exige auto e heterocrítica a respeito dos parafatos com intuito de eliminar ou minimizar a margem de erros pessoais e as automimeses dogmáticas.

**Limitação.** A consciência incauta quanto às leis da evolução, sobretudo da cosmoética, pode se equivocar com relação aos apoios ou auxílios aparentemente fraternos prestados, visto que a visão monodimensional limita a lucidez e por conseguinte o autodiscernimento.

**Manipulação.** A falta de clareza quanto aos próprios princípios e valores pode tornar a consciência facilmente manipulável por meio de discursos ou falácias obscuras pseudo-

lógicas disseminadas tanto por conscins quanto por consciexes. Também, pode tornar-se vítima de si mesma (autoassédio) quando se vale de justificativas espúrias para racionalizar as autocorrupções.

**Profilaxia.** Nesse sentido, a aplicação do binômio admiração-discordância somado à auto-criticidade máxima, pode ser conduta profilática adotada visando o não acumplicimento com cooperações anticosmoéticas.

Perspectiva. No decorrer da evolução, na proporção em que a consciência vai amadurecendo, ocorre a ressignificação quanto ao entendimento da assistência. O que inicialmente pode ser encarado como obrigação imposta passa a ser enxergado como escolha livre e discernida.

**Grupalidade.** Deste modo, ocorre naturalmente maior conscientização quanto à grupalidade e a própria função perante o Maximecanismo Multidimensional Interassistencial (MMI), nesse sentido: “a consciência de equipe é a autolucidez da conscin quanto à própria função no conjunto de pessoas dedicadas à realização do mesmo trabalho ou empreendimento” (VIEIRA, 2008-2).

**Intercambio.** A lucidez quanto ao trabalho a ser desenvolvido permite maior compreensão entre os pares, maior interatividade e, por conseguinte, maior cooperação. E esta, por sua vez, permite a conectividade tanto da equipe intrafísica (equipin) quanto da equipe extrafísica (equipex) e comina na interassistencialidade multidimensional. Porém, na percepção da autora, o alcance da autolucidez para a grupalidade evolutiva ocorre com o exercício contínuo e teático da autocriticidade na convivialidade sadia.

**Interparaperceptiologia.** À vista disso, “A intercooperação parapsíquica é o ato ou efeito de a consciência parapsiquista colaborar cosmoeticamente com o aprimoramento da paraperceptibilidade interpares por meio da assistência tarística mútua, fortalecendo a autoconfiança teática” (GUZZO, 2022)

**Compartilhamento.** No meandro do parapsiquismo, o sensitivo dotado de nível razoável de conhecimento multidimensional pode se colocar na condição de doador paracognitivo tarístico visando compartilhar as informações de origem multidimensional apreendidas com demais compassageiros evolutivos, podendo alcançar a condição de paracogniciofilia (FERNANDES, 2022).

**Responsabilidade.** Nesse caso, há a assunção da responsabilidade evolutiva comum as conscins lúcidas intermissivistas (VIEIRA, 2008-3), uma vez que, o parapsiquista mais experiente conjuga os autotrafores para auxiliar na evolução das demais consciências, inclusive as não portadoras de CI, que por sua vez, necessitam aplicar a lei do maior esforço evolutivo para galgarem patamares evolutivos cada vez mais superiores.

**Convergência.** Ou seja, há convergência de esforços por parte do parapsiquista assistente e

do aprendiz assistido ambos almejando o mesmo objetivo, a evolução consciencial.

**Mutualidade.** Tal fato é possível em decorrência da interassistência gerada no processo mútuo de aprendizagem e paraprendizagem ou paratares interdimensional (VIEIRA, 2018).

**Autonomia.** O assistente parapsíquico cosmoético objetiva a assunção e fixação de neopostura interassistencial empenhado na formação de neolíderes assistenciais.

**Docência.** Visando a assistência inegóica, torna-se possível pensar na construção de redes de cooperação interassistenciais formados por conscins lúcidas predispostas a se dedicarem na prestação de esclarecimento (tares), a começar pela docência consciencial.

## II. PROTAGONISMO COMPARTILHADO NA DOCÊNCIA CONSCIENCIAL

**Contexto.** A docência consciencial é palco multidimensional compartilhado entre docente (s) e discente (s), no âmbito intrafísico, fomentando a vivência do autoparapsiquismo lúcido.

**Exemplarismo.** Em decorrência da exposição docente, baseada no paradigma consciencial, percebe-se que o ambiente de aprendizagem predispõe a agudização do parapsiquismo de todas as conscins envolvidas. Interessante mencionar que, na percepção da autora, esse processo ocorre tanto em salas de aula presenciais quanto virtuais, na modalidade ensino a distância (síncrono e assíncrono).

**Potencialização.** No ponto de vista do docente consciencial, a experiência da autora evidencia a ocorrência de interação contínua em que a docência influencia o parapsiquismo, e este influencia aquele. Ao longo do tempo, essa influência mútua vai se potencializando e se observa o quanto um coopera com o outro na realização da tare. O resultado é a qualificação da conscin enquanto docente parapsiquista.

**Descrença.** Diferente da docência acadêmica comum, mesmo que a conscin não se considere paraperceptiva ou considere que tenha parapsiquismo rudimentar, a exposição do paradigma consciencial, sobretudo ao que tange aos pilares da bioenergética, multidimensionalidade e serialidade, faz com que o docente se mantenha minimamente aberto para experimentar e propiciar a experimentação dos alunos que pretende esclarecer.

**Acolhimento.** De outro modo, do ponto de vista do aluno, os resultados do esclarecimento são dinamizados quando existe o acolhimento por parte dos docentes, em primeiro momento, e por parte dos discentes, em segundo momento, criando, deste modo, ambiente de intercooperação parapsíquica grupal ou, protagonismo compartilhado.

**Horizontalidade.** A valorização das percepções extrafísicas, das experimentações, dos relatos de vivências, dentre tantos outros, mas sobretudo o esforço docente para a formação de ambiente de aprendizagem interativo em que o aluno tem voz e é considerada de suma

importância sua real necessidade, difere do sistema tradicional de hierarquização em que o docente é tido como figura de autoridade dogmática e inquestionável por supostamente ser detentor de maior conhecimento.

**Mutualidade.** A interatividade na aprendizagem faz com que tanto o emissor quanto o receptor possam co-criar a mensagem (SILVA, 2001, p. 2) enriquecendo o conhecimento de ambos os lados. Nesse prisma, o docente pode reavaliar as autocertezas a partir das experiências colocadas pelo discente.

**Desconstrução.** Nesse ponto, revela-se evidente a necessidade de abertismo consciencial de ambas as partes para se desfazerem dos esquemas sociais pré-moldados e, em muito, ultrapassados para vivenciarem processo de aprendizagem em que não há figura única detentora do conhecimento, mas indivíduos compondo processo intercolaborativo na construção do conhecimento, inclusive o parapsíquico.

**Aspectos.** Assim, Silva argumenta que a interatividade na aprendizagem necessitaria de, ao menos, duas disposições básicas: “1. A dialógica que associa emissão e recepção como polos antagônicos e complementares na co-criação da comunicação; 2. A intervenção do usuário ou receptor no conteúdo da mensagem ou do programa abertos a manipulações e modificações.” (2001, p. 5)

**Colaboração.** Em outras palavras, não basta ao docente a transmissão de conhecimento enquanto via de mão única, é necessário instigar o debate crítico e saber ouvir o que o discente tem a dizer enxergando-o como componente essencial na formação do conhecimento em contexto de grupalidade.

**PD.** De igual modo, não basta ao docente a percepção de parafatos e a simples retransmissão do parapercepto (VIEIRA, 2018), mas é necessário estimular todos os participantes (docentes e discentes) a experimentarem os fenômenos extrafísicos visando fomentar a autonomia consciencial dos pares, bem como, o princípio da descrença (PD).

**Metodologia.** A aprendizagem cooperativa é assunto estudado por pesquisadores desde o século XVIII, mas ganhou popularidade na década de 90 com o trabalho “Aprendizagem Ativa: Cooperação na Sala de Aula” dos autores David, Roger Johnson e Karl Smith.

**Convergência.** Dezenas de autores na área da educação vêm desenvolvendo sistemas de metodologia ativa de aprendizagem buscando atingir maiores rendimentos na construção do conhecimento. Araújo e Queiroz entendem a aprendizagem cooperativa enquanto processo de ajuda mútua entre membros do grupo para atingir objetivo acordado.

**Interdependência.** Nessa proposta de aprendizagem intercooperativa: “quando os alunos trabalham em conjunto, isto é, colaborativamente, produzem um conhecimento mais profundo e, ao mesmo tempo, deixam de ser independentes para se tornarem interdependentes” (PALLOF e PRATT, 2002, p. 141).

**Interatividade.** A aprendizagem cooperativa se relaciona com a teoria do construtivismo social (socioconstrutivismo) de Vygotsky na qual se preceitua que as interações sociais são fundamentais no desenvolvimento cognitivo dos indivíduos. A cognição não seria resultado puramente genético nem puramente mesológico, mas a interação de ambos (VIGOTSKI, 2017, p. 103/117).

**Multiexistencialidade.** Transpondo os conceitos materialistas, pode-se dizer que além da genética e do meio onde a conscin ressona, a paragenética – patrimônio consciencial – é um componente crucial na formação do conhecimento, visto que a consciência aprende ao longo dos ciclos multiexistenciais e acumula todas as experiências podendo ser acessadas ou recuperadas através dos cons (unidades de lucidez).

**Auto-herança.** Nesse sentido, cabe ao docente instruir o discente de modo a modificar a auto-herança parapsíquica inconsciente a tornando autoconsciente e disponível para a aplicação evolutiva (VIEIRA, 2009).

**Desenvolvimento.** Vygotsky, por meio da ideia de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), conceituou a distância entre o Nível de Desenvolvimento Real (NDR) como sendo aquele em que o indivíduo tem capacidade autônoma para solucionar problemas e o Nível de Desenvolvimento Potencial (NDP) que é determinado pela capacidade de solução de problemas com a orientação de pessoas mais experientes ou capazes (VIGOTSKI, 2017, p. 103/117).

**Progressão.** Logo, o docente consciente do processo de intercooperação parapsíquica teria a possibilidade de auxiliar o educando no processo de transformação de desenvolvimento potencial para desenvolvimento real aumentando, assim, a autonomia parapsíquica. Para isso, é necessário identificar o que o discente já produz sozinho e o que tem potencial para ser desenvolvido com auxílio e esclarecimento.

**ZDP.** Exemplo corriqueiro na sala de aula é o estado vibracional (EV) enquanto manobra bioenergética que o discente consegue produzir de forma autônoma (NDR). A partir disso, pode o docente fomentar a experimentação grupal da projeção consciente (NDP), ao modo de projeto *fly-in*, auxiliando os coparticipantes a produzirem o parafenômeno da projeção por meio da descoincidência dos veículos de manifestação desencadeado pelo EV (NDR).

**Evolução.** Nessa situação a ZDP é o campo intermediário da conscin (analisado individualmente) entre produzir o EV de maneira autônoma e a projeção consciente com auxílio do grupo. Com o tempo e a prática, a vivência de projeção consciente se tornará o nível de desenvolvimento real, e o experimentador estará apto a galgar novas etapas de acordo com seus potenciais parapsíquicos.

**Convivialidade.** A questão basilar, nesse contexto, é o docente renunciar ao protagonismo parapsíquico individual na sala de aula conscienciológica para adotar o protagonismo parapsíquico compartilhado, a partir da intercooperação parapsíquica, estimulando a interde-

pendência dos pares na convivialidade sadia.

**Intercooperação.** Nesse ponto, não há espaço para a figura do docente parapsiquista enquanto oráculo ou, em outras palavras, enquanto detentor do conhecimento parapsíquico, mas se abre espaço para o desenvolvimento parapsíquico de todo o grupo em voga sem competições espúrias acerca de qual conscin teria mais ou menos manifestação parapsíquica. Assim, a sala de aula torna-se grande mecanismo de intercooperação grupal.

**Vieses.** Esse estado de pessoas em constante cooperação e aprendizagem, dá vazão ao desenvolvimento da autonomia consciencial, fator crucial na tarefa do esclarecimento. Deste modo, há que se avaliar o processo de aprendizagem sobre dois vieses: 1) individual – no qual se busca desenvolver autonomia cosmoética para tornar possível o aumento de realização interassistencial; 2) grupal – no qual se busca desenvolver a interdependência sadia, no âmbito da Conviviologia, deixando de lado a dependência egocêntrica e a heterodependência submissa.

**Tares.** A tarefa do esclarecimento consiste no heterodespertamento das consciências para a autoevolução consciencial (VIEIRA, 2008-3). Logo, o papel do docente conscienciológico é auxiliar os interessados na conquista da autoparaperceptibilidade lúcida visando acelerar o processo evolutivo pessoal e grupal.

**Vitimização.** A dependência heteroparaperceptiva, além da submissão às parapercepções alheias, gera também a pensividade de inferioridade da conscin que se julga incapaz de paraperceber por si só, podendo tornar-se vítima de manipulações conscienciais.

**Egão.** A independência, por sua vez, pode induzir a conscin a pensar erroneamente que não necessita do auxílio fraterno dos pares, mantendo-se em estado de egocentrismo infantil. Aqui, cumpre esclarecer que a interassistência, por ser conceito mais avançado, abrange tanta a capacidade de assistir quanto a de receber assistência quando necessário.

**Ideal.** Por isso, considerando o processo evolutivo, a interdependência é conquista mais assertiva, consoante com o princípio de ninguém evoluir sozinho, que explicita a maturidade consciencial quanto à Conviviologia.

**Autossuficiência.** Nesse seguimento, analisando o aspecto individual, é preciso incitar a autoconfiança parapsíquica dos partícipes – tanto docentes quanto discentes – de modo que esses tenham autossuficiência para continuar o processo de experimentação fora do ambiente de aprendizagem formal e sem o apoio intrafísico de um facilitador. Para que a conscin tenha autonomia em suas experimentações e possa contar com o apoio extrafísico de amparadores de função ou parapreceptores, primeiro é necessário ter confiança em si, sem a qual torna ineficaz o auxílio interdimensional.

**Cultura.** Assim, a cultura da cooperação seria “resultado de um fazer humano pautado no diálogo das diferenças. Um diálogo que se dá numa relação de interdependência visando,

invariavelmente, o bem coletivo, onde diferentes atores, em lugares diferentes, em interação, complementando-se, sem se opor ou se mesclar, experimentam o desafio de serem autônomos na ação e interdependentes na missão.” (CARDOSO et al, 2014, p. 17)

**Distinção.** Sob a perspectiva puramente parapsíquica, ao se analisar a fase metapsíquica, percebe-se que existia atuação bem delineada entre o parapsíquico (objeto de estudo e produtor parafenomênico), pesquisador(es) (habitualmente acadêmicos) e expectador(es) (sujeitos passivos). Essa composição tripartida das reuniões impedia a intercooperação entre as partes, uma vez que, cada personalidade detinha funções estáticas não havendo troca de papéis ou concentração de todas as funções em todos os indivíduos.

**Autoconhecimento.** Diante do prisma conscienciológico, tomando a premissa da autoexperimentação, o pesquisador precisa adotar postura científica perante si, ou seja, precisa concentrar a função de pesquisador, pesquisado e expectador para conduzir as autopesquisas rumo ao autoconhecimento integral.

**Experimentação.** Por isso, o processo de intercooperação parapsíquica em ambiente de aprendizagem consciencial conduz os participantes a experimentarem todos os papéis possíveis para a assimilação e a construção do conhecimento, tratando-se nesse sentido de protagonismo compartilhado entre docentes e discentes na busca da evolução individual e grupal.

**Apoio.** Diante do exposto, pode-se perceber que a função do docente conscienciológico é auxiliar os interessados – inclusive a si mesmo – a adquirirem autonomia e autossuficiência parapsíquica por meio do autoconhecimento agindo tal qual facilitador do processo evolutivo e não protagonista. De outro modo, “o professor cosmoético não modela a personalidade dos alunos, mas aponta os meios para os estudantes reciclarem evolutiva e cosmoeticamente a si próprios.” (VIEIRA, 2014, p. 1181)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

**Desenvolvimento.** O artigo apresentou mecanismos de funcionamento do processo de cooperação na sociedade a exemplo do antiético, o anticosmoético e o evolutivo.

**Paraperceptibilidade.** Ponderou-se sobre a importância da intercooperação parapsíquica no auxílio fraterno dos pares para o desenvolvimento do autoparapsiquismo e por conseguinte o aumento de autonomia consciencial.

**Ressignificação.** Aduziu-se, ainda, acerca da necessidade de desconstrução da figura do docente enquanto centralizador do conhecimento para a construção de intercooperação em que todos os membros participantes são igualmente fundamentais na construção do conhecimento multidimensional.

## BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

01. ARAÚJO, Hélio da Silva; QUEIROZ, Vera. **Aprendizagem Cooperativa e Colaborativa**. São Paulo/ Brasília, Brasil. Disponível em: <[www.studygs.net/portuges/cooplearn.htm](http://www.studygs.net/portuges/cooplearn.htm)> Acesso em: 07 mai. 2022.
02. BERTOLUCCI, Daniel. Princípio da Solidariedade Consciencial. In: VIEIRA, W. (org.). **Enciclopédia da Conscienciologia**. Verbetes n. 5648, Tertuliarium, Foz do Iguaçu, PR. 22.07.21. Disponível em: <http://encyclossapiens.space/buscaverbete>. Acesso em: 19 mai. 2022.
03. CARDOSO, Univaldo Coelho; CARNEIRO, Vânia Lúcia Nogueira; RODRIGUES, Édna Rabêlo Quirino. **Cultura da Cooperação**. Sebrae: série empreendimentos coletivos. Brasília, 2014. Disponível em: <[https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS\\_CHRONUS/bds/bds.nsf/2a7cbc8d379fd9dda9c2ad309b01e949/\\$File/5196.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/2a7cbc8d379fd9dda9c2ad309b01e949/$File/5196.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2022.
04. FERNANDES, Pedro. Paracogniofilia. In: VIEIRA, W. (org.). **Enciclopédia da Conscienciologia**. verbete n. 5994, Tertuliarium, Foz do Iguaçu, PR. 03.07.22. Disponível em: <http://encyclossapiens.space/buscaverbete>. Acesso em: 20 jul. 2022.
05. FUENTES, Natalia M. O processo de aprendizagem e o papel do educador. **Revista de Parapedagogia**. Foz do Iguaçu, PR, ano 10, n 10, p. 77 a 99. Disponível em: file:///C:/Users/duaes/Downloads/Revista+de+Parapedagogia+Ano+10+N+10+Outubro+2020+-+Vers%C3%A3o+Digital-78-100.pdf. Acesso em: 20 jul. 2022.
06. HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: uma breve história do amanhã**. 1ª ed.; São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
07. KLEIN, William. Ensaio sobre aprendizagem evolutiva. **Revista de Parapedagogia**. Foz do Iguaçu, PR, ano 10, n. 10, p. 101 a 121. Disponível em: file:///C:/Users/duaes/Downloads/Revista+de+Parapedagogia+Ano+10+N+10+Outubro+2020+-+Vers%C3%A3o+Digital-102-122.pdf. Acesso em: 20 jul. 2022.
08. LAZZARO, Neide. Parapsiquismo e docência conscienciológica. **Revista Parapsiquismo Teático**. Foz do Iguaçu, PR, v. 1, n. 1, p. 97 a 109. Disponível em: [https://secureservercdn.net/198.71.233.183/h3w.9a4.myftpupload.com/wp-content/uploads/2022/01/07\\_Parapsiquismo-e-doce%CC%82ncia-.pdf](https://secureservercdn.net/198.71.233.183/h3w.9a4.myftpupload.com/wp-content/uploads/2022/01/07_Parapsiquismo-e-doce%CC%82ncia-.pdf). Acesso em: 20 jul. 2022.
09. PALLOF, Rena M.; PRATT, Keith. **Estimulando a Aprendizagem Colaborativa**. In: Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço: estratégias eficientes para salas de aula on-line. Porto Alegre: Artmed, 2002.
10. ROYER, Valdirene. Sinergismo Docência Tarística–Paraperceptibilidade. In: VIEIRA, W. (org.). **Enciclopédia da Conscienciologia**. Verbetes n. 4629, Tertuliarium, Foz do Iguaçu, PR. 07.10.18. Disponível em: <http://encyclossapiens.space/buscaverbete>. Acesso em: 19 mai. 2022.
11. SILVA, Marco. **Sala de Aula Interativa: a educação presencial e à distância em sintonia**

com a era digital e com a cidadania. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/80725539872289892038323523789435604834.pdf>>. Acesso em: 07 mai. 2022.

12. VIEIRA, Waldo. Auto-herança Parapsíquica. *In*: VIEIRA, W. (org.). **Enciclopédia da Conscienciologia**. verbete n. 1338, Tertuliarium, Foz do Iguaçu, PR. 27.09.09. Disponível em: <http://encyclossapiens.space/buscaverbete>. Acesso em: 19 mai. 2022.

13. VIEIRA, Waldo. Autonomia. *In*: VIEIRA, W. (org.). **Enciclopédia da Conscienciologia**. verbete n. 931, CEAEC, Foz do Iguaçu, PR. 09.08.08-1. Disponível em: <http://encyclossapiens.space/buscaverbete>. Acesso em: 19 mai. 2022.

14. VIEIRA, Waldo. Autossuficiência Evolutiva. *In*: VIEIRA, W. (org.). **Enciclopédia da Conscienciologia**. verbete n. 103, CEAEC, Foz do Iguaçu, PR. 11.12.05. Disponível em: <http://encyclossapiens.space/buscaverbete>. Acesso em: 19 mai. 2022.

15. VIEIRA, Waldo. Consciência de Equipe. *In*: VIEIRA, W. (org.). **Enciclopédia da Conscienciologia**. verbete n. 893, CEAEC, Foz do Iguaçu, PR. 26.06.08-2. Disponível em: <http://encyclossapiens.space/buscaverbete>. Acesso em: 19 mai. 2022.

16. VIEIRA, Waldo. **Dicionário de Argumentos da Conscienciologia**. Foz do Iguaçu: Associação Internacional Editares, 2014, p. 721, 823 a 825, 1181.

17. VIEIRA, Waldo. Dependência. *In*: VIEIRA, W. (org.). **Enciclopédia da Conscienciologia**. verbete n. 495, CEAEC, Foz do Iguaçu, PR. 20.03.07. Disponível em: <http://encyclossapiens.space/buscaverbete>. Acesso em: 19 mai. 2022.

18. VIEIRA, Waldo. Interdependenciologia. *In*: VIEIRA, W. (org.). **Enciclopédia da Conscienciologia**. verbete n. 4465, Tertuliarium, Foz do Iguaçu, PR. 26.04.18. Disponível em: <http://encyclossapiens.space/buscaverbete>. Acesso em: 19 mai. 2022.

19. VIEIRA, Waldo. Megatares. *In*: VIEIRA, W. (org.). **Enciclopédia da Conscienciologia**. verbete n. 934, CEAEC, Foz do Iguaçu, PR. 13.08.08-3. Disponível em: <http://encyclossapiens.space/buscaverbete>. Acesso em: 19 mai. 2022.

20. VIEIRA, Waldo. Solidariedade Maligna. *In*: VIEIRA, W. (org.). **Enciclopédia da Conscienciologia**. verbete n. 1535, Tertuliarium, Foz do Iguaçu, PR. 12.04.10. Disponível em: <http://encyclossapiens.space/buscaverbete>. Acesso em: 19 mai. 2022.

21. VIEIRA, Waldo. **700 Experimentos da Conscienciologia**. 3ª ed. Foz do Iguaçu, PR: Associação Internacional Editares, 2013. p. 47.

22. VIGOTSKI, L.S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 16ª ed. São Paulo: Ícone Editora LTDA., 2017, p. 103 a 117.

## Fabianne Guzzo

---

Bacharel em direito; pós-graduanda em Neuroaprendizagem;

Voluntária e docente de Conscienciologia, tenepessista, editora da revista Parapsiquismo Teático, participa do Conselho Técnico Científico da Associação Internacional de Parapsiquismo Interassistencial - ASSIPI.

E-mail: fabianneguzzo@hotmail.com